Abismo do Tabocal
ou o acaso de uma descoberta

Jean-Yves Bigot
Groupe Spéléologique Bagnols – Marcoule

Novamente na Bahia

Nosso périplo sul-americano chegou ao fim; após uma primeira semana no Brasil, na Serra do Ramalho (Nordeste) e duas semanas nos Andes amazônicos do Peru, voltamos ao Brasil para alguns dias em companhia de nosso colega Jussyklebson da Silva, que mora em São Desidério (Bahia). Somos apenas três: Olivier Sausse, Jean-François Perret e Jean-Yves Bigot, mas, graças a Jussy, formamos um grupo cujo cronograma é inteiramente destinado à espeleologia.

Dispomos de um pouco de material para visitar as grutas (cordas, ancoragens e sacola de spits) e isso nos permite explorar a Garganta do Bacupari, uma cavidade mítica do setor, imperdível. Nos outros dias, Jussy nos leva em outras grutas conhecidas, mas hoje, 28 de setembro de 2011, nosso guia está preocupado: ele perdeu o molho de chaves das três grutas em que ele leva habitualmente os turistas. Propomos a ele que nos leve ao local para tentar encontrá-las. Mas, apesar das buscas, não conseguimos encontrar as chaves. Decidimos então penetrar na terra e visitar uma cavidade que se encontra em uma propriedade privada.

O guia

Jussy se entende com o proprietário, ou melhor, o gerente da propriedade, que lhe fala também de um outro buraco não longe dali. Aproveitamos logo a ocasião para verificar as declarações de nosso informante, e resolvemos imediatamente utilizar seus serviços.

Seguimos nosso guia em um campo onde pastam algumas vacas esfomeadas, depois entramos em uma floresta seca. Tivemos o cuidado de levar um GPS. Após ter atravessado algumas ravinas e clareiras, chegamos no setor do Tabocal, diante de um abismo que se abre ao fundo de um vale seco. Finos cipós formam uma cortina vegetal (fig. n° 1); aparentemente, ninguém veio ainda perturbar esse lugar. No fundo da depressão, vislumbramos um buraco negro, no qual mergulha uma grossa raiz retorcida.

O homem nos mostra o buraco e afirma que nunca ninguém desceu ali. Não acreditamos nele, pois uma cavidade como aquela não pode permanecer inexplorada; é o que vamos ver. Voltamos ao carro para pegar nosso material. Ali, despedimo-nos de nosso guia e deixamos o GPS, pois acabamos de estabelecer as coordenadas da cavidade.

Figura 1

Figura 2

Uma estreia partilhada

É fácil encontrar a entrada do buraco graças ao capim remexido e aos galhos quebrados. Mas nosso cuidado é, sobretudo, a ancoragem do abismo. Olivier parte na frente e instala vários spits. A priori, trata-se de um poço de 20m, cujo fundo se vê (fig. 2). Olivier chega rápido ao fundo do abismo e logo nos diz que ele continua: ele ouve até um barulho de riacho! Atrás dele, euforia geral. Tudo se acelera e, alguns minutos mais tarde, encontramo-nos todos na base do poço.

Olivier não se mexeu e conteve sua impaciência, pois estava cada vez mais excitado com a ideia de ir ver o que se escondia na galeria que ele localizou. Logo que o último de nós põe o pé no solo, Olivier e Jef dão o toque de largada para entrarmos juntos na galeria: a estreia, isso deve ser partilhado. Num instante, desembocamos em uma grande galeria arenosa: nenhum rastro no solo. Agora sabemos que o guia tinha dito a verdade.

O momento de excitação é logo intensificado, andamos praticamente ao lado um do outro em uma ampla galeria (fig. 3).

Entretanto, o prazer dura pouco, pois parece evidente que a caverna não se deixa conquistar facilmente. Muito rapidamente, chegamos diante de um sifão descendente, espécie de teto baixo pouco acolhedor.

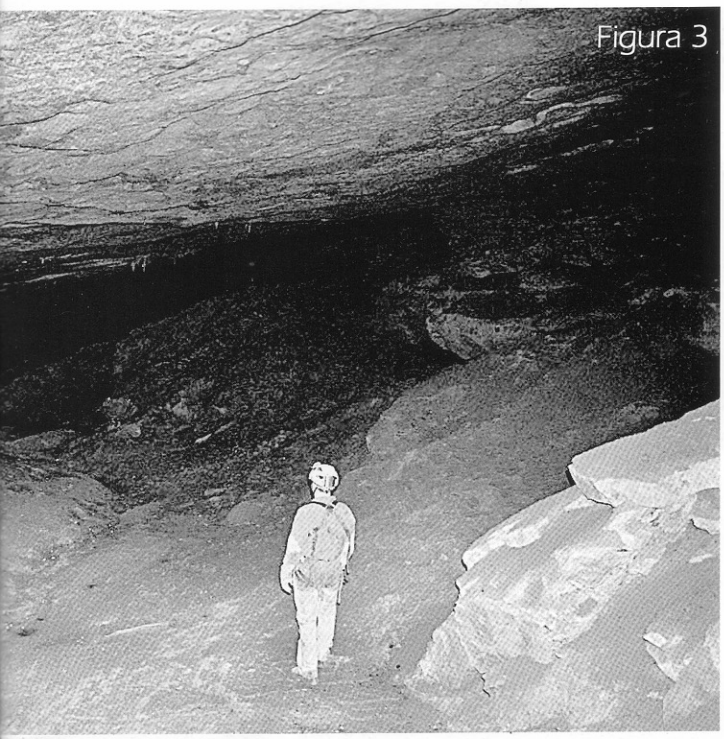


Fig. 1: Uma cortina de cipós barra a entrada do abismo (foto de Jean-Yves Bigot).
Fig. 2: Olivier atinge rapidamente o fundo do poço da entrada (foto de Jean-Yves Bigot).
Fig. 3: Avançamos em uma ampla galeria de solo arenoso (foto de Jean-François Perret).
Fig. 4: Olivier com instrumentos de topografia (foto de Jean-Yves Bigot).

Fig. 1 : Un rideau de lianes barre l'entrée du gouffre (cliché Jean-Yves Bigot).
Fig. 2 : Olivier atteint rapidement le fond du puits d'entrée (cliché Jean-Yves Bigot).
Fig. 3 : Nous avançons dans une large galerie au sol sableux (cliché Jean-François Perret).
Fig. 4 : Olivier aux instruments de topographie (cliché Jean-Yves Bigot).

Topografia metódica

Pensando ter atingido o fundo da gruta, decidimos pegar o material de topografia e começar o levantamento. Nesse instante, a percepção da gruta muda: o explorador se transforma em topógrafo com a pesada tarefa de desenhar os contornos exatos dos vazios, de sondar e de explorar todos os recantos. Se um conduto ou uma passagem estreita se abre na parede de uma sala ou de uma galeria, temos a obrigação de cartografá-lo. (fig. 4).

Essa grande galeria, rapidamente percorrida possui, de fato, inúmeros condutos que somos obrigados a explorar e topografar (labirinto dos Morcegos, galeria Mediana).

Tudo isso toma tempo, mas inspecionamos de forma consciencioso a gruta, sem deixar condutos inexplorados para trás. Temos também a esperança secreta de encontrar uma galeria superior que nos permitirá, por que não, atalhar o sifão descendente. Pouco a pouco, voltamos lentamente na direção da entrada, pensando que terminaríamos logo.

Mas a gruta tomou outra decisão, pois descobrimos uma pequena galeria de subida, a galeria da Serpente, onde pudemos seguir o rastro de um réptil na areia (fig. n° 5). Ela nos levou a um espaço maior, do qual partem várias galerias. Ali, compreendemos que não poderíamos « arrematar » a topografia de uma vez só, ainda mais com Jussy nos esperando para jantar à noite. Por respeito a Michèle, não queríamos chegar tarde.

De comum acordo, decidimos adiar nossos metódicos trabalhos.

O grito de Jef no fundo da gruta

Jef está na frente quando chega à base do poço. Faz calor na gruta e estamos um pouco cansados. Um grande bloco de rocha, de cerca de 1,50m de altura se sobressai em um caos rochoso situado na base do poço. Jef aproveita para se apoiar ali, olhando-nos chegar, quando dá um grito estranho, anunciando um perigo iminente. (fig. n° 6).

Esse momento fugaz nos gelou o sangue, pois pudemos perceber uma pequena serpente de cabeça preta e corpo vermelho e preto, que descia do bloco (fig. 7). Ela é rápida e desaparece totalmente no monte de pedras.

Jef nos explica que a serpente veio cheirar sua luva e que ele levou um susto: é necessário dizer que ele tem fobia de cobras. Enquanto tento fazer o réptil sair das pedras para fotografá-lo, Jef pegou o martelo de spits e começou a falar de uma operação "achatar cabeça", mas o bicho não reapareceu, sem dúvida assustado pelas intenções explícitas de Jef. Uma pena, pois tínhamos ali uma coleção de animais interessantes com essa "cobra da terra", à qual podíamos acrescentar uma aranha migalomorfa, escorpiões e amblipígios que frequentam a gruta com maior ou menor assiduidade. Todo esse conjunto de animais caiu mais ou menos acidentalmente pelo poço de entrada e se viu preso ali.

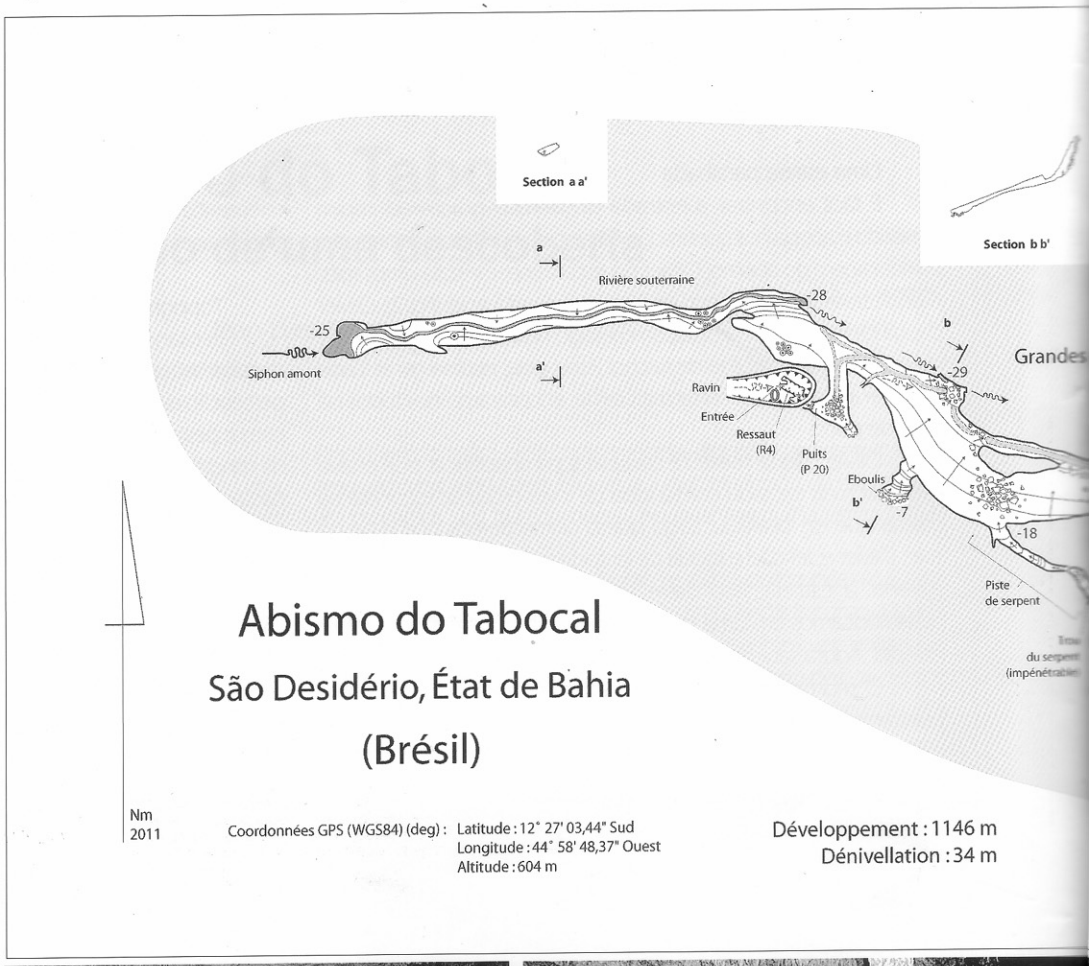
O ataque de mosquitos e o desânimo geral

Em razão da presença de mosquitos na saída do abismo, Olivier e Jef decidem começar a volta sem nos esperar. Já é noite escura há muito tempo e me encontro com Jussy, que parte na minha frente em um caminho hipotético. Eu me dou conta, desde

os vinte primeiros metros, que perdemos o caminho. Mais adiante, ouço Jussy que, apesar de tudo, tenta avançar no mato baixo. Mas, sem caminho não há salvação. Decido então voltar para a entrada do abismo, quando percebemos clarões na floresta e gritamos. Eram Olivier e Jef, que também estavam perdidos e voltavam na direção do abismo. É preciso reconhecer, a equipe estava em desânimo total, ainda mais por termos cometido o erro de deixar o GPS no carro. Jussy amaldiçoa esse esquecimento incômodo e, devemos confessar, imperdoável. Entretanto, sabemos que mesmo se todos os elementos parecem estar contra nós, é necessário manter a calma. Com o reagrupamento da equipe perdida, o ânimo retorna e a metodologia também. Jef e eu estamos convencidos de que é preciso voltar à entrada do buraco e examinar metro a metro o solo e a vegetação. Nossa atenção está, agora, concentrada no menor graveto quebrado, que nos permitirá encontrar o caminho do carro. Com esse método eficaz, chegamos, enfim, a um porto seguro, mas nos atrasamos demais no horário. Não faz mal, diremos a Michèle que ela poderia nem sequer nos ver por causa de um acampamento forçado na floresta...

Continua

No dia seguinte, 29 de setembro de 2011, era muito natural que voltássemos ao Abismo do Tabocal; essa nova cavidade era distinta da Gruta do Tabocal, muito próxima, e explorada anteriormente. Retomamos a topografia ali onde a havíamos deixado, mas as coisas se complicaram, a seção dos condutos diminuiu e nos vemos a topografar passagens cujo interesse espeleológico ainda está por ser demonstrado. A sequência é um grande teto baixo rochoso resultante do desmoronamento de uma grande placa de calcário. Nossos joelhos esbarram no solo rochoso e nos machucam. Mas a gruta não terminou ainda e prossegue por outro pequeno teto



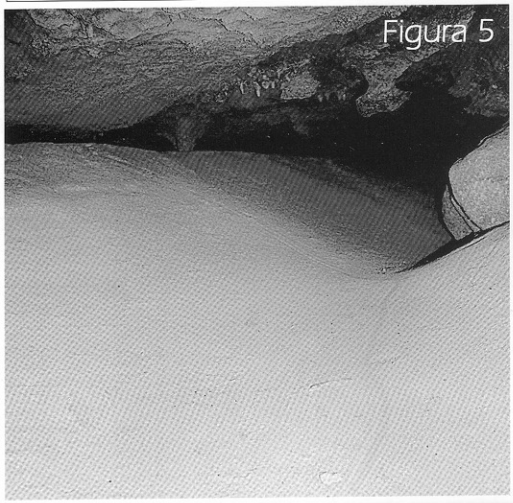
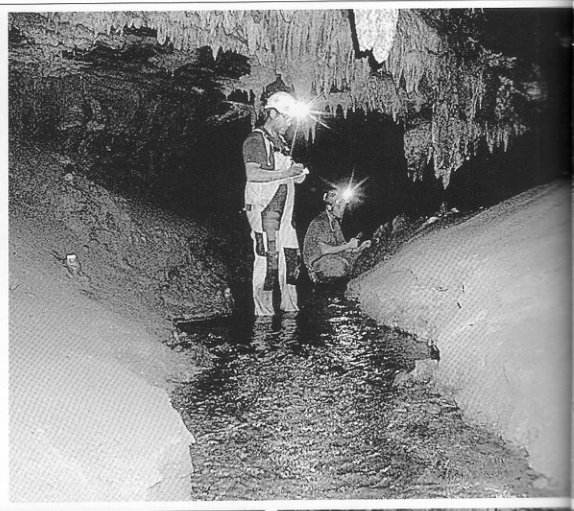


Figura 5



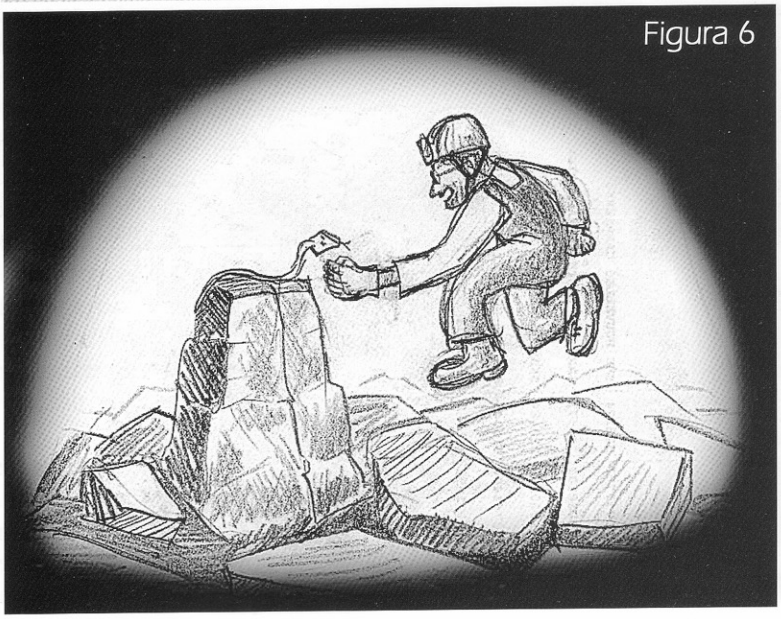


Figura 6

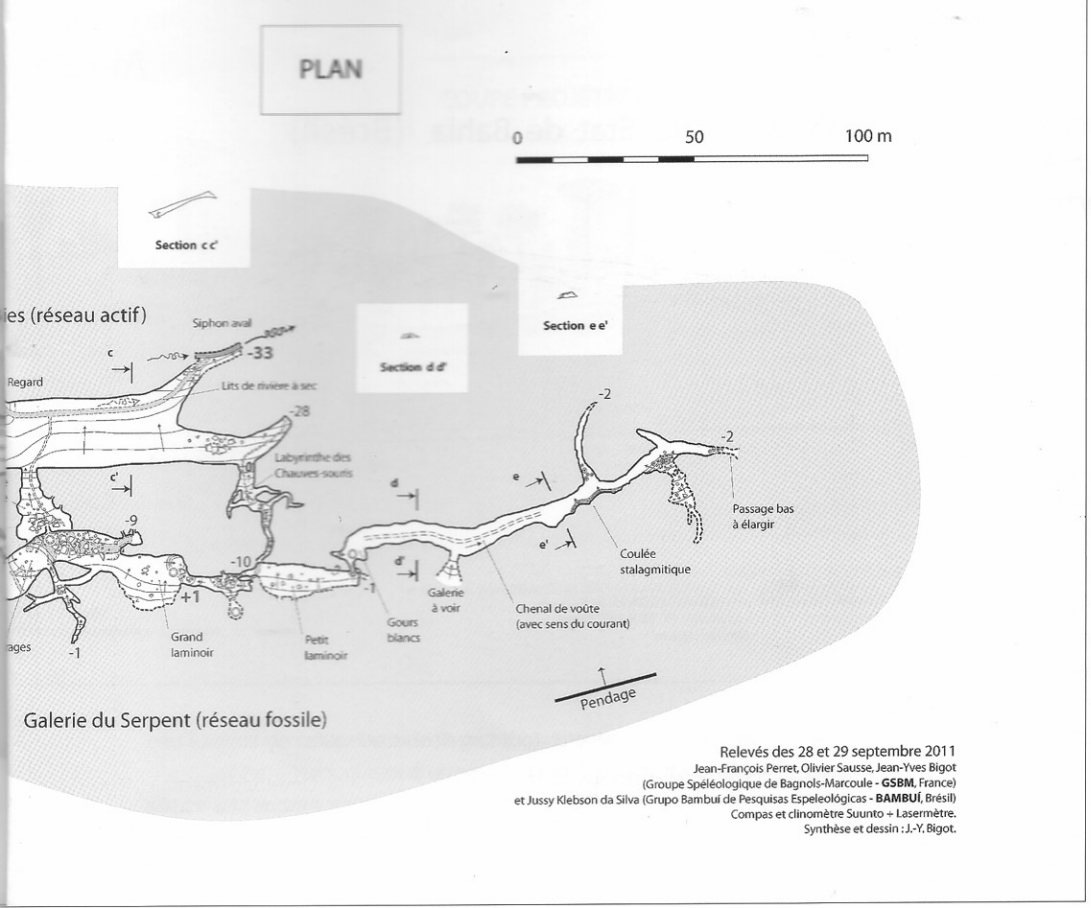
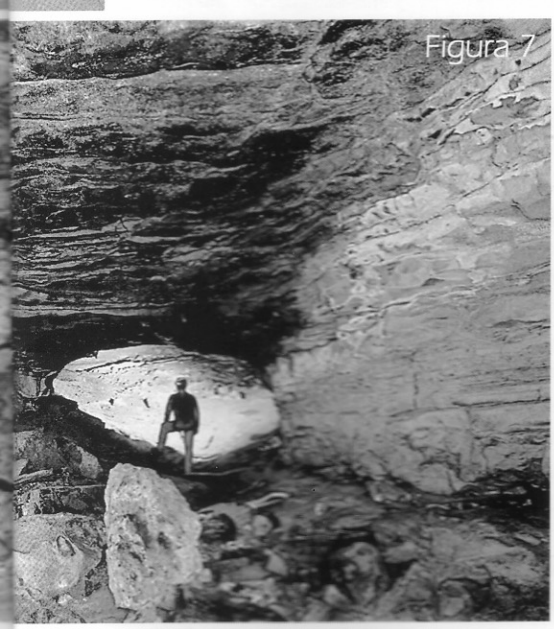
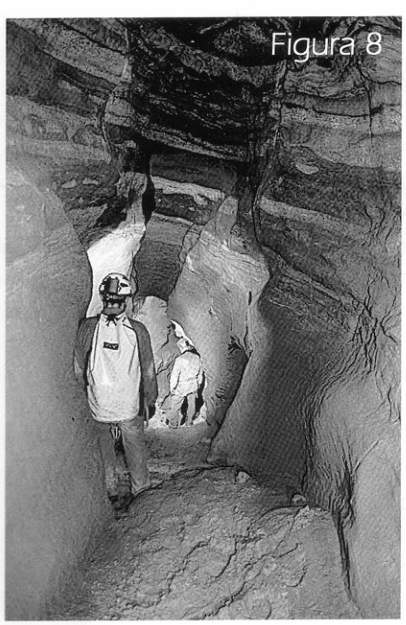


Fig. 5 : Rastro de serpente na galeria que levou esse nome (foto de Jean-Yves Bigot).
Fig. 6 : Jef e a serpente (croquis de Jean-Yves Bigot).
Fig. 7: No primeiro plano, o bloco no fundo do poço de entrada e, no segundo plano, a passagem que leva à grande galeria (foto de Jean-François Perret).
Fig. 8: A galeria da Serpente (foto de Jean-François Perret).
Fig. 9 : Topografia no ribeirão a montante (foto de Jean-Yves Bigot).

Fig. 5 : Piste de serpent dans la galerie du même nom (cliché Jean-Yves Bigot).
Fig. 6 : Jef et le serpent (croquis Jean-Yves Bigot).
Fig. 7 : Au premier plan, le bloc au bas du puits d'entrée et au second, le passage qui mène à la grande galerie (cliché Jean-François Perret).
Fig. 8 : La galerie du Serpent (cliché Jean-François Perret).
Fig. 9 : Topographie dans la rivière amont (cliché Jean-Yves Bigot).





baixo. Galerias de seções menores (*Gour Blanc*) e cheias de pequenas ondas de erosão atestam uma corrente rápida, ao mesmo tempo sobre as paredes e o teto. O sentido da corrente fóssil mostra que estamos em um verdadeiro conduto que se dirige para baixo, que poderia bem atalhar o sifão do ribeirão.

A temperatura aumentou sensivelmente, pois estamos agora muito próximos da superfície: o ar quente e seco dessa galeria baixa é de 26ºC. A progressão é bastante penosa, mas avançamos a uma velocidade topográfica que permite não resfolegarmos (fig. 8).

Há partes que permanecem inexploradas à direita, mas que tendem a subir novamente. Decidimos seguir em frente, azar das partes parcialmente visitadas. Acabamos por parar em um verdadeiro estreitamento, levemente ventilado, que poderia muito bem conduzir a nosso ribeirão subterrâneo, mas isso é uma outra história, que outros se encarregarão de escrever.

De volta à galeria principal mais ampla, terminamos a zona próxima da entrada quando ouço um barulho de água que vem do fundo; é o curso montante do ribeirão pelo qual não nos interessamos.

Meus colegas, agitados em ler as medidas, estão muito ocupados, e aproveito para escolher um lugar suficientemente amplo e me insinuar entre rocha e areia para atingir o ribeirão; a presença de morcegos indo e vindo parece indicar uma continuação. A galeria permite que se continue e só temos que andar pela água para subir o ribeirão subterrâneo (fig. 9).

Deixamos momentaneamente a topografia e damos alguns passos ribeirão acima, até um sifão frequentado pelos morcegos. Não estamos longe de um sumidouro, pois frutos de caju flutuam na superfície da água.

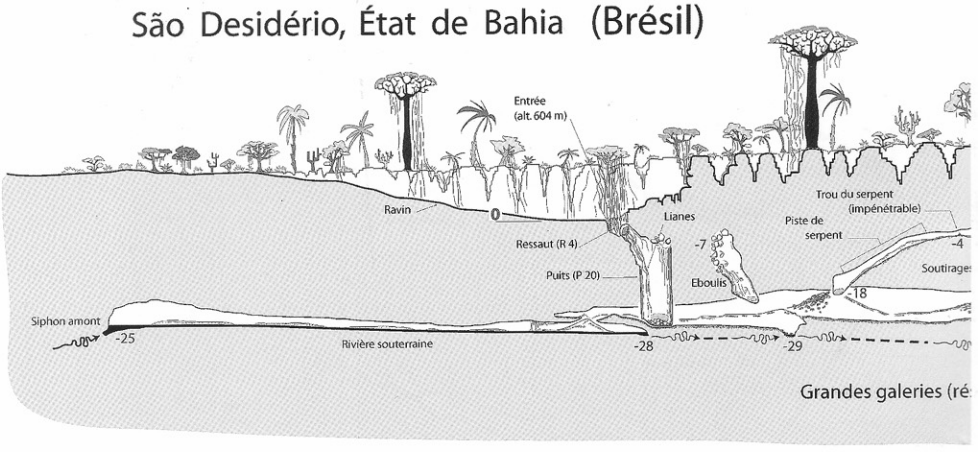
As duas extremidades da cavidade foram exploradas e terminam em um sifão em que se pode mergulhar a montante e uma passagem estreita que pode ser desobstruída, a jusante. Não é, portanto, impossível ligar, um dia, o Abismo do Tabocal a outras cavidades. Por que não à Gruta do Tabocal, situada a montante do Buraco da Sopradeira, grande cavidade situada mais abaixo?

Abismo do Tabocal ou le hasard d'une découverte

Jean-Yves Bigot
Groupe Spéléologique
Bagnols – Marcoule

Ouest

São Desidério, État de Bahia (Brésil)



Coordonnées GPS (WGS84) (deg) : Latitude : 12° 27' 03,44" Sud
Longitude : 44° 58' 48,37" Ouest
Altitude : 604 m

0 50

De nouveau dans le Bahia

Notre périple sud-américain touche à sa fin ; après une première semaine au Brésil dans la *Serra do Ramalho* (*Nordeste*) et deux semaines dans les Andes amazoniennes du Pérou, nous revenons au Brésil pour quelques jours en compagnie de notre collègue Jussyklebson da Silva qui habite *São Desidério* (*Bahia*). Il se trouve qu'il est guide dans cette région très karstique et gardien de grottes recelant des peintures rupestres. Nous ne sommes que trois : Olivier Sausse, Jean-François Perret et Jean-Yves Bigot, mais grâce à Jussy nous formons un groupe dont l'emploi du temps est entièrement consacré à la spéléologie.

Nous disposons d'un peu de matériel pour visiter les grottes (cordes, amarrages et trousse à spits), ce qui nous permet d'explorer la *Garganta do Bacupari*, une cavité mythique incontournable du secteur. Les autres jours, Jussy nous mène dans d'autres grottes connues, mais aujourd'hui 28 septembre 2011 notre guide a des soucis : il a perdu le trousseau de clés des trois grottes qu'il fait habituellement visiter aux touristes. Nous lui proposons de nous rendre sur place pour tenter de les retrouver. Mais malgré nos recherches, le trousseau reste introuvable. Nous décidons alors d'aller sous terre et de visiter une cavité s'ouvrant dans une propriété privée.

L'indicateur

Jussy s'entretient avec le propriétaire ou plutôt le gardien de sa propriété qui lui parle aussi d'un autre trou situé non loin de là. Nous saisissons aussitôt l'occasion de vérifier les dires de notre informateur que nous mettons immédiatement à contribution.

Nous suivons notre indicateur dans un champ où paissent quelques vaches faméliques, puis nous entrons dans une forêt sèche. Nous avons pris soin de prendre un GPS. Après avoir traversé quelques ravins et clairières nous arrivons dans le secteur du *Tabocal* devant un gouffre qui s'ouvre au fond d'un vallon sec. De fines lianes forment un rideau végétal (**fig. n° x**) ; apparemment, personne n'est venu troubler cet endroit. Au fond de la dépression, on devine un trou noir dans lequel plonge une grosse racine torsadée.

L'homme nous montre le trou et affirme qu'il n'a jamais été descendu. Nous ne le croyons pas, car une cavité comme celle-là ne peut rester inexplorée ; c'est ce que nous allons voir. Nous retournons à la voiture pour chercher notre matériel. Là nous prenons congé de notre indicateur et laissons le GPS, puisque nous venons de relever les coordonnées de la cavité...

Une première partagée

Il est facile de retrouver l'entrée du trou grâce à l'herbe foulée et aux branches cassées. Mais notre souci est surtout l'équipement du gouffre ; Olivier part devant et pose plusieurs spits. A priori, il s'agit d'un puits de 20 m dont on voit le fond (**fig. 2**). Olivier est vite en bas de la verticale et nous fait savoir que ça continue : il entend même le bruit d'une rivière ! Derrière, c'est l'affolement général. Tout s'accélère et quelques minutes plus tard, nous nous retrouvons tous à la base du puits.

Olivier n'a pas bougé et ronge son frein, car il est de plus en plus excité à l'idée d'aller voir ce qui se trame dans la galerie qu'il a aperçue. A peine le dernier d'entre nous a-t-il mis le pied sur le sol qu'Olivier et Jef donnent le top départ pour entrer ensemble dans la galerie entrevue : la première, ça se partage. D'un coup, nous débouchons dans une grande galerie sableuse : aucune trace au sol. Nous savons maintenant que l'indicateur avait dit vrai.

Le moment d'excitation est bref mais intense, nous marchons pratiquement de front dans une large galerie (**fig. 3**).

Cependant, le plaisir est de courte durée, car il semble évident que la caverne ne se livrera pas comme ça. Très rapidement, nous arrivons devant un siphon aval, sorte de laminoir bas de plafond peu engageant.

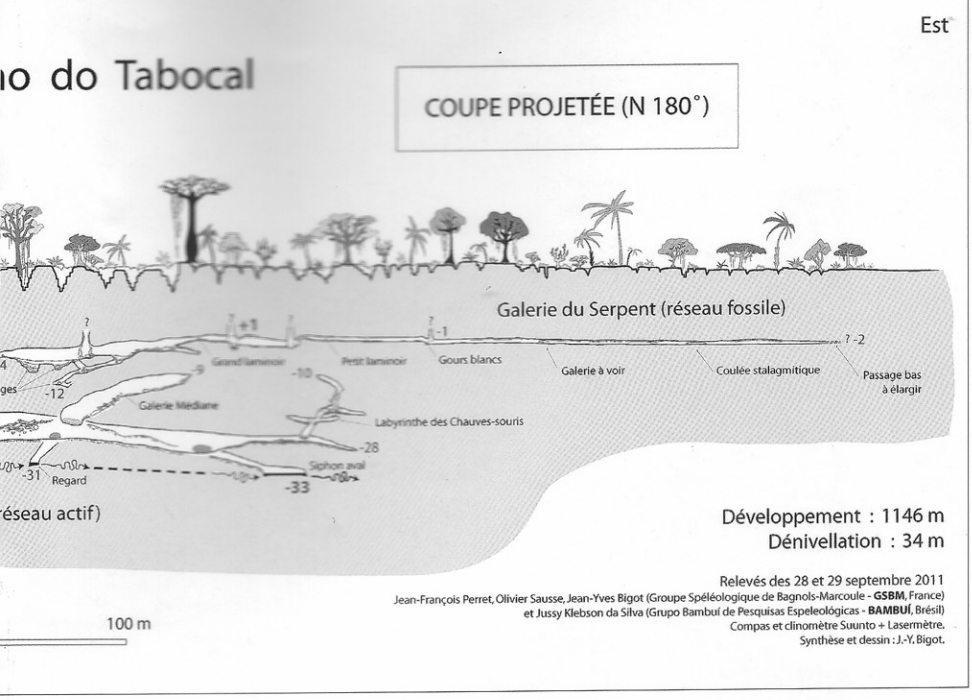
Méthodique topographie

Pensant avoir atteint le fond de la grotte, nous décidons de sortir le matériel de topographie et de commencer le relevé. A cet instant, la perception de la grotte change : l'explorateur se mue en topographe avec la lourde tâche de dessiner les contours exacts des vides, de sonder et d'explorer tous les recoins. Si un conduit ou un boyau étroit s'ouvre dans la paroi d'une salle ou d'une galerie, nous avons l'obligation de le cartographier (**fig. 4**).

Cette grande galerie rapidement parcourue recèle en fait d'innombrables conduits que nous sommes contraints d'explorer et de topographier (labyrinthe des Chauves-souris, galerie Médiane). Tout cela prend du temps, mais nous inspectons consciencieusement la grotte sans laisser de conduits inexplorés derrière nous. Nous avons aussi le secret espoir de trouver une galerie supérieure qui nous permettra, pourquoi pas, de shunter le siphon aval. Petit à petit, nous revenons lentement vers l'entrée en pensant que nous aurons terminé bientôt.

Mais la grotte en a décidé autrement, car nous découvrons une petite galerie remontante, la galerie du Serpent où nous pouvons suivre la piste d'un reptile dans le sable (**fig. n° 5**). Celle-ci nous mène dans un espace plus grand défoncé par les soutirages et d'où partent plusieurs galeries. Là, nous comprenons que nous ne pourrons pas « torcher » la topographie en une seule fois, d'autant que nous sommes attendus chez Jussy pour dîner ce soir. Par égard pour Michèle, nous ne voudrions pas arriver en retard.

D'un commun accord, nous décidons de remettre à plus tard nos méthodiques travaux.



Le cri de Jef au fond de la grotte

Jef est devant quand il arrive à la base du puits. Il fait chaud dans la grotte et nous sommes un peu fatigués. Un gros bloc de rocher d'environ 1,50 m de haut dépasse d'un chaos rocheux situé à la base du puits, Jef en profite pour s'y appuyer en nous regardant arriver quand soudain il pousse un cri inhabituel annonciateur d'un danger imminent (fig. n° 6).

Ce moment fugace nous glace d'abord le sang, puis nous rend attentifs pour apercevoir un petit serpent à tête noire et au corps rouge et noir qui descend du bloc (fig. 7). Il est rapide et disparaît totalement dans les pierres de l'éboulis.

Jef nous explique que le serpent est venu sentir son gant et qu'il a été très surpris : il faut préciser que Jef a la phobie des serpents. Alors que je tente de faire sortir des pierres le reptile pour le prendre en photo, Jef s'est saisi du marteau à spits et parle maintenant d'une opération « tête plate », mais la bête ne réapparaîtra pas, sans doute effrayée par les intentions affichées de Jef. Dommage, on avait là un bestiaire intéressant avec ce « cobra de terra » auquel il faut ajouter une mygale, des scorpions et des amblypyges qui fréquentent la grotte avec plus ou moins d'assiduité. Toute cette ménagerie est plus ou moins tombée accidentellement par le puits d'entrée et s'y est retrouvé piégée.

L'attaque des moustiques et la déroute générale

En raison de la présence de moustiques à la sortie du gouffre, Olivier et Jef décident de commencer à rentrer sans nous attendre. Il fait nuit noire depuis longtemps et je me retrouve avec Jussy qui part devant moi sur un hypothétique chemin. Je me rends compte dès les vingts premiers mètres que nous avons perdu le sentier. Plus loin, j'entends Jussy qui tente d'avancer malgré tout dans la broussaille. Mais sans chemin, point de salut. Je décide alors de revenir vers l'entrée du gouffre lorsque nous apercevons des lueurs dans la forêt, nous crions. Ce sont Olivier et Jef qui se sont perdus et font demi-tour vers le gouffre. Il faut bien le reconnaître, l'équipe est en déroute totale, d'autant que nous avons commis l'erreur de laisser le GPS dans la voiture. Jussy peste contre cet oubli fâcheux et, il faut bien l'avouer, impardonnable. Cependant, nous savons que même si tous les éléments semblent ligués contre nous, il faut garder son calme. Avec le regroupement de l'équipe en perdition, le moral est revenu et la méthodologie aussi. Jef et moi sommes convaincus qu'il faut revenir à l'entrée du trou et examiner mètre par mètre le sol et la végétation. Notre attention est maintenant concentrée sur la moindre brindille cassée qui nous permettra de retrouver le chemin de la voiture. Avec cette méthode efficace, nous arrivons enfin à bon port mais nous avons pris pas mal de retard sur l'horaire. Tant pis, on dira à Michèle qu'elle aurait pu ne pas nous voir du tout à cause d'un bivouac forcé en forêt...

Ça continue

Le lendemain 29 septembre 2011, c'est tout naturellement que nous retournons à l'*Abismo do Tabocal* ; cette nouvelle cavité est distincte de la *Gruta do Tabocal* toute proche, et explorée antérieurement. Nous reprenons la topographie là où nous l'avions laissée, mais les choses se gâtent, la section des conduits diminue et nous nous retrouvons à topographier des boyaux de soutirage dont l'intérêt spéléologique reste à démontrer. La suite est un grand laminoir rocheux résultant de l'effondrement d'une grande dalle de calcaire. Nos genoux cognent sur le sol rocheux et nous font mal. Mais la grotte n'est pas terminée pour autant et se poursuit par un autre petit laminoir. Des galeries de plus faible section (Gour blanc) et constellées de petits coups de gouge, attestent d'un courant rapide, à la fois sur les parois et au plafond. Le sens du courant fossile montre que nous sommes dans un vrai conduit se dirigeant vers l'aval qui pourrait bien court-circuiter le siphon de la rivière.

La température a sensiblement augmenté, car nous sommes maintenant très proches de la surface : l'air chaud et sec de cette galerie basse est de 26°C. La progression est assez pénible, mais nous avançons à une vitesse topographique qui permet de ne pas s'essouffler (fig. 8).

Il reste des parties inexplorées sur la droite mais qui ont tendance à remonter. La suite est plutôt droit de devant et tant pis pour les parties incomplètement visitées. Nous finissons par nous arrêter sur une véritable étroiture légèrement ventilée qui pourrait bien conduire à notre rivière souterraine, mais ceci est une autre histoire que d'autres se chargeront d'écrire.

De retour dans la galerie principale plus vaste, nous terminons la zone proche de l'entrée lorsque j'entends un bruit d'eau qui remonte du fond ; c'est le cours amont de la rivière à laquelle nous ne nous sommes pas intéressés.

Mes collègues affairés à lire les mesures sont trop occupés, j'en profite pour choisir un endroit suffisamment large et m'insinuer entre roche et sable pour atteindre la rivière ; la présence de chauves-souris allant et venant semble indiquer une suite. La galerie est praticable et il suffit juste de marcher dans l'eau pour remonter la rivière souterraine (fig. 9).

Nous laissons momentanément la topographie et faisons quelques pas dans la partie amont de la rivière jusqu'à un siphon fréquenté par les chauves-souris. Nous ne sommes pas loin d'une perte car des pommes de cajou flottent à la surface de l'eau.

Les deux extrémités de la cavité ont été explorées et se terminent par un siphon plongeable à l'amont et une étroiture désobstruable à l'aval. Il n'est donc pas impossible de relier un jour l'*Abismo do Tabocal* à d'autres cavités. Pourquoi pas à la *Gruta do Tabocal* située en amont et au *Buraco da Sopradeira*, grande cavité située beaucoup plus en aval.